

# Um “olhar” sobre o processo cognitivo de mesclagem de vozes

Valeria Coelho Chiavegatto\*

## Abstract

---

This paper is part of a project on the perspective blending process in real discourse. Understanding perspective as a subjective point of view that restricts the validity of the presented information to a particular subject (person) in the discourse, it is argued that subjects imports voices of other subjects, across cognitive domains and mental spaces in the blending space. The discourse segment that represents the blending is perspectivized; its relevant context of interpretation is a person-bound, embedded space within which reality is constructed.

---

## 1. Introdução

Sob o prisma sócio-cognitivista para análise da linguagem pretendemos apresentar aspectos relevantes acerca de como se realiza o processo cognitivo de mesclagem de vozes na interação real entre falantes de língua portuguesa. Nosso objetivo geral é entender como se efetivam correlações entre processos mentais e construções lingüísticas, fundamentados na Teoria dos Espaços Mentais, tal como proposta em Fauconnier (1994, 1997); Fauconnier e Sweetser (1996); Turner (1996) e nas suas aplicações apresentadas nos estudos publicados por Goldberg (1996).

Nesta perspectiva, o enfoque das análises está na descrição dos processos de transferência de informações entre domínios cognitivos, espaços mentais e construções gramaticais na interação lingüística que se processa em situações reais de comunicação em português.

Ao pesquisarmos como os introdutores de espaços mentais funcionam na construção da argumentação no desenvolvimento do Projeto *Introdutores de “espaços mentais” em relatos de opinião em português*, (CNPq 350302/95/2), deparamo-nos com o fato de que, em textos que se constroem pondo em relevo a função comunicativa básica de apresentar o ponto de vista do

---

\* (UERJ- UGF - CNPq).

sujeito do discurso sobre o tema em foco, com frequência, “outras vozes” são incorporadas à voz do sujeito nos enunciados emitidos.

Tal procedimento resulta em dois tipos básicos de construção discursiva para expressar opiniões:

- 1º - as que se constroem manifestando apenas a “voz” do próprio sujeito discursivo, em perspectiva única; ou
- 2º - com a incorporação de “vozes” de outros sujeitos à voz do sujeito discursivo do relato, embutindo-as na sua própria maneira de “perspectivizar” os fatos que apresenta ou as opiniões que manifesta: em perspectiva múltipla.

Nos textos construídos em “perspectiva múltipla”, a integração de outras vozes à voz do sujeito é governada pela “perspectiva ou voz” do sujeito do discurso. Tal incorporação produz significações distintas, conforme as formas gramaticais que são escolhidas para integrá-las.

Considerando que, na perspectiva sócio-cognitiva, quando motivações semânticas e construções gramaticais distintas emparelham-se, processos cognitivos com configurações distintas devem pré-organizá-los na mente, se temos diferentes maneiras para que um sujeito incorpore à sua voz “outras vozes”, os “espaços mentais” que os estruturam parcialmente assumem configurações distintas. Os elementos ou entidades que neles se compactam, configurando-os, projetam-se na construção dos enunciados lingüísticos, através de transferências de informações entre espaços mentais e domínios cognitivos. Tais transferências precedem à manifestação do processo de embutimento de vozes à voz de um sujeito no discurso.

Assim, ao pesquisarmos como múltiplas vozes se incorporam à voz dos sujeitos que produzem os enunciados nas interações em tempo real, estaremos contribuindo para o entendimento de como processos cognitivos e lingüísticos interagem, pois estaremos diante de fenômenos que estão profundamente imersos nas relações entre cognição, linguagem e interação. Para pesquisá-los pretendemos:

- (1) descrever como a integração de múltiplas perspectivas à construção dos discursos favorece interpretações diversas entre os interlocutores;
- (2) explicar como as experiências cognitivas, sociais, culturais e lingüísticas compartilhadas pelos membros das comunidades representam-se nos processos mais profundos de organização das construções gramaticais e discursivas;
- (3) desvendar como a atualização da mesclagem de vozes nos discursos pode fornecer-nos evidências sobre a permeabilidade dos turnos conversacionais às contribuições dos participantes da interação (Salomão 1998);

- (4) compreender como tais processos são gerenciados pelos participantes da interação, enfocando tanto o nível da produção, quanto o da recepção dos enunciados lingüísticos;
- (5) correlacionar o gerenciamento de tais processos aos diferentes tipos de relações sócio-comunicativas que se instauram entre os participantes dos eventos comunicativos e, também, às motivações nas quais se enraizam nas diferentes situações comunicativas em que se atualizam.

## 2. Um novo “olhar” para a questão da perspectiva

Estudos que vêm sendo realizados, desde os anos 80, pelos lingüistas cognitivos da Califórnia (Fillmore, Kay, Lakoff, Talmy, Sweetser e Goldberg) e de San Diego (Langacker, Turner e Fauconnier) fornecem-nos fundamentos teóricos para a análise do fenômeno da expressão de perspectivas no discurso. Em especial, a teoria dos “espaços mentais” de Fauconnier (1994, 1997) e seus desenvolvimentos e aplicações apresentadas em Fauconnier e Sweetser (1996) e Goldberg (1996) permitem que tratemos de forma integrada a atuação de processos cognitivos, construções gramaticais e estratégias pragmáticas.

Observando o uso da língua em situações reais de comunicação, a teoria dos espaços-mentais permite que enfoquemos fenômenos que, nas teorias tradicionais, ficavam meio à margem, pois envolviam questões que excediam os pressupostos básicos em que se constituíam. Em Língua Cognitiva, nos moldes que a estamos praticando, antigas questões podem ser retomadas e interpretadas sob a ótica em que o gramatical, o cognitivo e o interacional se interpenetram.

Ao analisarmos os “Introdutores de espaços mentais em relatos de opinião em português” (Projeto CNPq 1995-1997) percebemos que, na configuração dos espaços mentais que estruturavam parcialmente a construção dos argumentos com os quais as opiniões eram expressas, informações importadas de outros espaços mentais e de múltiplos domínios cognitivos apareciam inter cruzadas. Com freqüência, os espaços mentais que se estruturam a partir desses inter cruzamentos revelam-se resultantes de “*conceptual blendings*” que, em português, traduz-se por **mesclagem**.

Aspectos dos primeiros estudos sobre “mesclagem” aparecem descritos em Fauconnier (1994, 1997), Turner (1996) e Fauconnier e Turner (Goldberg, 1996). As análises que apresentam desenvolvem-se a partir de pressupostos teóricos tais como os apresentados por Fauconnier (1997, p.149), que aqui destacamos:

- 1º - Pensamento e linguagem dependem, entre outras coisas, da capacidade humana para manejar informações de mapeamentos entre espaços mentais;

- 2º - Os mapeamentos se efetuam em construções localizadas de espaços e conexões do discurso cotidiano, incluindo a elaboração dos sistemas de tempo e modo verbais que a língua usa para guiar os falantes através dos espaços interconectados;
- 3º - Há dimensões distintas de operações cognitivas que são desempenhadas sobre tais estruturas, tais como os elos analógicos e inferências nas configurações dos espaços;
- 4º - Todas as formas de pensamento são criativas no sentido de que produzem novos elos, novas configurações e, correspondentemente, novos significados e novas conceptualizações
- 5º - Um dos importantes processos cognitivos que governa vários aspectos desta criatividade dependem, fundamentalmente, de mapeamentos entre espaços mentais, ou seja, do processo cognitivo de mesclagem.

Observando como as mudanças de perspectivas se manifestam nos relatos de opinião, acreditamos que, no processo de incorporação de vozes à perspectiva de apresentação de enunciados pelo sujeito discursivo, estamos diante de operações cognitivas em que mapeamentos entre espaços e domínios se inter cruzam.

Se o sujeito discursivo embute a voz de outro(s) em sua voz, a conceptualização resultante é fruto de um processo de emparelhamento de conceptualizações de vários sujeitos e, provavelmente, de um processo de seleção de informações que devem ser transferidas entre os espaços e domínios interconectados.

Na medida em que o sujeito discursivo não renuncia ao seu papel de organizador dos enunciados e seleciona, por uma espécie de “filtragem”, quais e de que forma integrará “outras vozes” à sua, tudo nos leva a crer que as escolhas que efetua devam estar relacionadas aos significados que pretende construir e transmitir aos seus interlocutores.

Assim considerando, as correlações que podem ser inferenciadas na descrição destes espaços manifestam que tais construções lingüísticas estão calcadas em operações mentais bastante criativas, conforme o sentido em Fauconnier (1997). Tal criatividade emerge de transferências de informações entre as conceptualizações emparelhadas na estruturação do novo espaço e que pré-organizam o embutimento de múltiplas vozes à voz do sujeito do discurso. Portanto, um *processo de mesclagem* configura os enunciados em que múltiplas vozes se incorporam à voz do sujeito.

### 3. “Voz”: expressão de perspectiva

A expressão lingüística através da qual os pensamentos de um sujeito se manifestam em combinações de signos comunicáveis aos que com ele

compartilham do mesmo sistema lingüístico é a sua fala, a sua “voz”. Assim entendendo, o termo “voz” não está sendo empregado em seu sentido fonético, ou seja, do ponto de vista acústico-articulatório como “qualidade de ondas sonoras que, são produzidos ou percebidos pelos humanos” (Robins, 1981, p. 105).

Estaremos empregando o termo “voz” na acepção em que às emissões produzidas por um sujeito conjugam-se aspectos dos níveis conceptual, semântico e pragmático. Assim considerando, falas emitidas são representações de pensamentos que, no discurso real, assumem significados em função da “perspectiva” em que são apresentados.

Portanto, por partimos do pressuposto geral que os sujeitos produzem suas falas de um “ponto-de-vista particular que têm a respeito da realidade referenciada” (Langacker 1991)<sup>1</sup>, podemos considerar os conceitos de “voz” e “perspectiva” como processos complementares e, para os propósitos deste artigo, conceituar “voz de um sujeito” como expressão de “sua perspectiva” sobre os fatos ou pensamentos que representa em suas falas.

Na medida em que as falas que um sujeito produz no discurso real estão intrinsecamente correlacionadas ao ponto-de-vista do qual representa seus pensamentos na linguagem, “perspectiva” é um ponto subjetivo a partir do qual os enunciados são construídos. Sanders e Redeker (1996) assim a conceituam:

*Perspectiva é a introdução de um ponto de vista subjetivo que restringe a validade da informação apresentada a um sujeito particular (uma pessoa) no discurso. Um segmento de discurso é perspectivizado quando seu contexto relevante de interpretação é limitado por uma pessoa, embebido no espaço que contém a realidade do narrador. (Sanders e Redeker, 1996, p.293)<sup>2</sup>*

1 Para Langacker (1991), “realidade” é uma construção epistêmica e dinâmica dos sujeitos discursivos. Figurativamente, pode ser representada por um cilindro no interior do qual as coisas se movem em fluxo contínuo. A expansão das coisas no tempo pode ser representada por setas que apontam para a frente no interior do cilindro, permitindo-nos compreender que os elementos da realidade estão em constante evolução no tempo e no espaço.

Contudo, há um momento em que o conceptualizados (produtor ou intérprete do discurso) se coloca numa posição no espaço interior do cilindro, ou seja, na realidade que instaura. Deste lugar – um espaço e um momento de atualização do processo de tomada de perspectiva da realidade - assume seu ponto de vista sobre os elementos que instaurou na realidade.

Os elementos que apresenta estão no seu “campo de visão subjetiva” e, a partir dele, pode alcançar e apresentar aos demais, eventos reais, imagináveis ou projetáveis.

A correlação entre a posição que ocupa na realidade que instaura e o campo de visão que se lhe descortina é o que entende por “perspectiva”. Assim considerando, sua “voz” e a manifestação de seu ponto de vista sobre a realidade que instaura. (Tradução livre do texto em Archad (1996, p.10) sobre a concepção de realidade apresentada em Langacker, 1991.

2 Perspective is the introduction of a subjective point of view that restricts the validity of the presented information to a particular subject (person) in the discourse. A discourse segment is perspectivized if its relevant context of interpretation is a person-bound, embedded space within the narrator's reality. (Sanders e Redeker, 1996, p. 293).

Diante do exposto, ao descrevermos as correlações entre processos cognitivos e construções lingüísticas que se manifestam como “vozes” na interação lingüística, estaremos abordando a *subjetividade* do sujeito do discurso acerca dos elementos que são apresentados nos enunciados que emite. Entre estes elementos, outras “vozes” podem ser inseridas.

Com freqüência, na superfície na linguagem, encontramos pistas lingüísticas que nos informam que “quem proferiu o discurso” embutiu na sua voz “falas ou pensamentos” de outros sujeitos. Sanders e Redeker (1996, p. 293) denominaram tal processo de “perspectivização”.

O processo de embutimento de outras vozes no espaço mental que configura a voz do sujeito do enunciado realiza-se como transferência de informações entre espaços mentais de vozes que se emparelham. Algumas das vozes embutidas são explicitadas por elos (*links*) que, na superfície dos enunciados, denunciam a ocorrência do processo.

Evidências de elos entre a voz do sujeito e de vozes de outros “sujeitos” são reconhecíveis nas construções lingüísticas que introduzem “citações”, tais como: “X disse.....”, “Y pensa.....” ou “Na opinião de Z.....”. Tais construções instruem os participantes da interação a reconhecerem que outras vozes foram integradas ao enunciado do sujeito do discurso, sob sua perspectiva.

Outras vozes são incorporadas à voz do sujeito de forma implícita, ou seja, sem elos explícitos que informem aos interlocutores que foram efetuados: a interpretação de que outras vozes foram embutidas na voz do sujeito depende de inferências pragmáticas. Essas inferências se processam pelo reconhecimento inconsciente de que transferências de informações entre diferentes espaços e domínios foram ativadas, mas cujas trajetórias e estruturação específica desconhecemos. A configuração resultante é fruto de correlações complexas-mesclagens- entre domínios conceptuais.

#### 4. O processo cognitivo de mesclagem

Na teoria dos espaços mentais, como apresentada em Fauconnier e Sweetser 1996, o espaço mental que ancora o sujeito discursivo é o *espaço-base* (EB). A partir dele, um ou vários espaços-mentais vão se sucedendo, em processo dinâmico e localizado, desdobrando-se à medida que pensamento e discurso progridem.

Introdutores de espaços mentais (*space-builders*) vão instruindo os interlocutores sobre a trajetória que deve ser seguida entre os espaços mentais que se instauram e entre estes e os domínios cognitivos que ativam. São os introdutores de espaços mentais que engendram a adequada compreensão da complexa rede de espaços em que cada texto se constitui (Fauconnier 1994, Chiavegatto, 1999).

Contudo, à medida em que a emergência de espaços mentais é um fenômeno dinâmico e localmente processado, a cada contato dos intérpretes com o enunciado, diferentes elos são ativados e, portanto, múltiplas e distintas interpretações são processadas.

No espaço-base, pistas gramaticais informam qual a “voz” que está se manifestando, ou seja, a que sujeito pertence a perspectiva sob a qual os eventos são apresentados. Assim, no espaço-base estão as instruções acerca da visão com que a realidade instaurada foi construída.

Quando falas (vozes, opiniões) de outros sujeitos são incorporadas aos enunciados que um sujeito produz, outros espaços-base (EB2) são embutidos no espaço-base matriz do enunciado (EB1). Assim, o ponto de vista apresentado supõe que a perspectiva adotada se configure na estrutura esquemática a seguir:

$S_1 \textcircled{R} EB1 < S_2 \textcircled{R} (S_2 \textcircled{R} EB2)$

O esquema mostra que:

- sujeito discursivo (S1) compõe EB1;
- em EB1 está embutido S2 (outro sujeito), cuja perspectiva compõe EB2.
- < simboliza que a perspectiva de EB2, expressa por S2, está incorporada (embutida) por S1 em EB1.
- o sujeito do discurso (S1) empregou outra voz (S2) na perspectiva com que constrói seu discurso.

A sentença esquemática proposta sugere-nos que foram postos em correlação (e interligados) elementos que compõem as duas perspectivas, ou seja, a do espaço-base matriz (EB1) e do(s) espaços-bases embutido(s) (EB2 ou EBn). No(s) espaço(s) embutido(s), outra(s) voz(es) se manifesta(m), mas é (são) incorporada(s) ao enunciado do sujeito do discurso sob sua perspectiva.

O resultado desse processo é fenômeno que em Análise do Discurso se denomina “polifonia”. Entretanto perguntamos: observando o fenômeno nas correlações que expressa entre processos mentais e construções lingüísticas, será que estamos mesmo diante de várias vozes (poli+fonia) ou de um caso exemplar do fenômeno de perspectivização descrito por Sanders e Redeker (1996)?

Refletamos: se o sujeito de EB1 é o “senhor” das perspectivas que apresenta, quando embute outras vozes em seu discurso, não é a perspectiva do sujeito da outra voz que apresenta, mas sim, utiliza-se de informações (ou partes delas) que as outras perspectivas (ou vozes) carregam para estruturar a própria perspectiva.

Portanto, o espaço mental que resulta deste processo não se apresenta como “clonagem” de EB2, mas como “mesclagem” dos elementos que o sujeito considera relevantes incorporar (de EB2) em EB1.

A partir das correspondências que são efetuadas, um novo espaço, configurado por elementos das vozes que se interpenetram, emerge: EB3. Este processo, tal como descrito por Fauconnier (1997), só pode ocorrer quando existe um “espaço genérico” acessível e comum aos espaços instaurados (um EG): as transferências que se efetivam em EB3 correspondem ao **espaço da mescla de vozes**.

Segundo Fauconnier (1996, p. 149), *mesclagem* é uma operação que, embora simples, pode explicar uma série de fenômenos lingüísticos e ajudar-nos a conhecer melhor a natureza das relações que se efetivam entre construções lingüísticas e processos cognitivos.

O processo de mesclagem ocorre quando, a partir de dois espaços mentais de *input*, um terceiro espaço é construído: a *mescla (blend)*. Este terceiro espaço herda a estrutura parcial dos espaços de saída (*input*): a estrutura que emerge tem uma configuração própria.

Há condições que devem ser satisfeitas para que um processo de mesclagem seja identificado. São as seguintes:

- 1º - **Mapeamento de espaços inter cruzados**, nos quais mapeamentos parciais de contrapartes se realizam entre os dois espaços de *input*: espaços  $I_1$  e  $I_2$ ;
- 2º - A existência de um **espaço genérico** que se mapeia sobre cada um dos *inputs*. Esse espaço genérico reflete várias estruturas e organizações comuns, usualmente mais abstratas, compartilhadas pelos *inputs* que se definem como centro dos espaços inter cruzados mapeados entre eles;
- 3º - Os *inputs*  $I_1$  e  $I_2$  são parcialmente projetados sobre um quarto espaço: **o espaço mescla**;
- 4º - A estrutura emergente da mescla tem uma configuração distinta das estruturas proporcionadas pelos *inputs* de três maneiras interrelacionadas, a saber:
  - **composição**: tomadas em conjunto, as projeções dos *inputs* engendram novas relações utilizáveis, relações que não existiam em separado nos *inputs*;
  - **completamento**: conhecimentos anteriores, enquadres, modelos cognitivos idealizados e esquemas culturais permitem projetar a estrutura compósita no interior da mescla por transferências parciais de estruturas dos *inputs* e serem vistos como parte de uma ampla estrutura auto-contida na mescla. O padrão na fonte mesclada, estruturado pela herança das estruturas *inputs*, é “completado” na estrutura emergente mais ampla.
  - **elaboração**: completada na mescla, a estrutura pode então ser elaborada através de um processo cognitivo desempenhado em seu interior, de acordo com sua própria e emergente lógica.



Esquemáticamente, então, a configuração plena do processo de inter cruzamento de conceptualizações (e informações) está no quarto espaço: o da mescla.

Nos diagramas apresentados por Fauconnier (1997) podemos ver mesclas que se configuram como estruturas emergentes de *inputs* distintos. Representados por diagramas, com o objetivo de indicar como os contrapartes são projetados na mescla, formalizações permitem visualizar como os elementos podem ser fundidos em um único elemento ou projetados separadamente, além de alguns contrapartes serem projetados e outros não.

Portanto, os traços centrais do processo de mesclagem são: mapeamento de espaços inter cruzados; projeção parcial de *inputs*; espaços genéricos; integração de eventos, e a estrutura emergente através dos processos de composição, completamento e elaboração.

## 5. A mesclagem no debate do filósofo moderno com Kant

Fauconnier (1997, p. 157) exemplifica como a mesclagem ocorre na fala comum, descrevendo o processo em um trecho de fala de um professor de Filosofia a seus alunos e colegas. Reapresentando um exemplo analisado por ele e Turner em 1995, Fauconnier deixa claro que há “mesclagem” quando “outras falas são empregadas pela fala de um sujeito”. , tal como transcrevemos a seguir:

*“Eu assevero que o raciocínio é uma capacidade que se auto-desenvolve. Kant discorda de mim sobre este ponto. Ele diz que ele é inato, mas eu repondo que isto é o começo da questão que ele mesmo contraria na **Crítica da Razão Pura**, de que somente idéias inatas tem poder. Mas então eu pergunto, sobre qual seleção de grupo neuronal? E ele não me respondeu”.* Fauconnier (1997, p. 157)

Segundo Fauconnier (1997, p. 175ss), a mesclagem que ocorre neste trecho pode ser descrita como reproduzimos a seguir:

- No primeiro espaço *input*, temos o filósofo moderno, fazendo asserções;
- Em um espaço separado, mas interrelacionado, há outro espaço *input*, em que temos Kant, pensando e escrevendo;
- Em nenhum espaço *input* há o debate.
- Nos dois espaços *input*, há porções da estrutura do enquadre, que se constitui no espaço genérico: há um pensador, que faz asserções e medita; há um modo de expressão; há uma língua particular, e assim por diante;

- No quarto espaço, o do “blend” (da mescla) estão ambos: o filósofo moderno (vindo do *input* 1) e Kant (vindo do *input* 2);
- A mescla recruta o enquadre do debate, engajando Kant e o filósofo moderno em um enquadre de debate simultâneo, mutuamente cientes, usando uma única linguagem para tratar um tópico conhecido;
- O enquadre do debate transfere-se facilmente para a mescla, através de padrões de completamento, uma vez que nem tudo de sua estrutura está instaurado nos dois *inputs*.
- Um vez estabelecida a mescla, pode-se operar cognitivamente no interior do espaço e lidar com os vários eventos como uma unidade integrada.
- O enquadre do debate se constrói com expressões convencionais e disponíveis no uso. Conhecem-se a conexão da *mescla* com os espaços *input*, e a maneira como estruturas e inferências se desenvolvem na mescla, importando-as dos espaços *input*.
- Operam-se sobre todos os quatro espaços simultaneamente, mas a mescla dá a estrutura, integração e eficiência não disponíveis nos outros espaços.

Nessa descrição transcrita de Fauconnier (1997), percebemos que, quando outras vozes são assumidas pelo sujeito do discurso como suas, especialmente nos casos em que não há introdutor explícito indicando a sua integração à voz do sujeito do enunciado (como ocorre nas vozes ou pensamentos integrados em forma de discurso indireto livre), o processo cognitivo de mesclagem está ocorrendo, explicando as significações originais e bastante criativas que construções dessa natureza instauram nos discursos.

Vários trabalhos em lingüística cognitiva enfocam construções gramaticais que emparelham formas a significados. Ao analisarmos as mudanças de perspectivas nos relatos de opinião, constatamos que a integração de outras vozes à voz do sujeito do discurso nos relatos expressava-se de formas distintas. Embora o processo cognitivo que as governa seja da mesma natureza, a construções distintas correspondem correlações diferenciadas. Vejamos:

- (1) Quando as vozes eram incorporadas aos espaços-base com elos explícitos, assumiam a forma de citações diretas ou indiretas; e
- (2) Quando dependiam de inferências pragmáticas para serem reconhecidas, pois estavam implicitamente incorporadas à voz do sujeito do discurso, assumiam formas assemelhadas às construções em discurso-indireto-livre.

Nos casos de vozes implícitas, não vinham manifestos introdutores de espaços mentais. Sua percepção envolvia processos inferenciais que ativavam intercruzamentos entre diferentes constructos cognitivos de arquivamento de informações. Portanto, os processos de inferenciação ativados dependiam da natureza das experiências sócio-culturais, lingüísticas e contextuais

compartilhadas pelos intérpretes, tal como quando eram embutidas falas típicas de entidades ou instituições religiosas, partidos políticos ou que acessavam experiências anteriormente vivenciadas pelos participantes dos eventos referidos.<sup>3</sup>

Portanto, se formas e significados se emparelham nos enunciados lingüísticos, às diferentes formas de integração de vozes à fala do sujeito discursivo na interação correspondem processos cognitivos distintos.

## 6. Mesclagem de vozes e modos do discurso

Ao analisarmos como funciona o processo de mudança de perspectiva nos relatos de opinião do corpus D&G, tomamos como parâmetro analítico o trabalho de Sanders e Redeker (1996) em textos narrativos. Estes autores observaram como se configurava o embutimento de perspectivas de outros sujeitos, personagens ou entidades na perspectiva do narrador (“perspectivização”).

Sanders e Redeker (1996, p. 300), ao configurarem as relações que se estabelecem entre a perspectiva do narrador e as outras vozes que são relatadas nas narrativas, constataram que, dependendo da forma como era embutida a outra voz (modo direto, indireto ou indireto-livre) transmitiam-se significados que evocavam o grau de comprometimento do narrador com o ponto-de-vista expresso na voz que embutia em seu discurso.

O discurso indireto livre, por incorporar características das duas outras formas através das quais “outras vozes”<sup>4</sup> são embutidas na voz do sujeito discursivo, parece ser o tipo de construção em que fica mais nítida a ocorrência de um processo de mesclagem de vozes. Contudo, isso não significa que nas citações direta e indireta o processo não possa ocorrer.

Em algumas das formas de expressão do processo de mesclagem de vozes, especialmente do ponto de vista de quem interpreta o texto, nem sempre é transparente reconhecer de qual dos sujeitos (de EB1 ou de EB2) emanam as falas e qual das perspectivas deve ser considerada. Encontramo-nos diante do problema da *opacidade referencial* que a lingüística cognitiva e, especialmente, os trabalhos com a teoria dos espaços mentais vêm buscando descrever e explicar.

Dependendo da maneira como o sujeito do discurso perspectiviza as outras vozes ao integrá-las à sua voz, diferentes processos de composição produzirão formas distintas na superfície dos discursos. As diferenciações resultarão da natureza dos elementos que os espaços mesclados herdaram

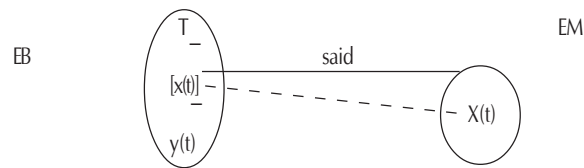
3 Cf. exemplos apresentados no trabalho As mudanças de perspectiva nos relatos de opinião, (ANPOLL, 99) e Introdutores de espaços mentais e mudanças de perspectiva na construção lingüística da argumentação (ABRALIM 99) ..

4 Relembremos que o termo “vozes” abarca “pensamentos e palavras (falas)” .

das estruturas *input* de onde partiram, do espaço genérico acessado e do completamento e elaboração efetuados na mescla.

Entre as formalizações que apresentam, destacamos uma, no modo indireto, para exemplificarmos como Sanders e Redeker (1996) descrevem o fenômeno do embutimento de outra voz à voz do sujeito do discurso. Vejamos:

Ex. 1 - *They had heard shots as well, but knew nothing else, they said.*



EB = espaço base que engloba o ponto de vista e a realidade do narrador;

EM = espaço mental com outra voz (embutido em EB), apresentando as características da realidade embebida no espaço

T = They

[x(t)] = elemento virtual: o que eles realmente disseram

y = they heard shots, but knew nothing else

.....= relação de consequência

Como a formalização evidencia, não há como reproduzir exatamente a emissão real do outro sujeito no modo indireto. Podemos ver que o narrador, com base em um enunciado virtual, literalmente dito (x) pelo sujeito referido (T) no espaço EM, produz (y), ou seja: que o que é expresso por (T) em EB é uma transformação de (X) em (Y).

Tal transformação corresponde aos processos disponíveis na gramática da língua para expressar a maneira particular de incorporar à sua própria voz a voz de outro sujeito. Portanto, há uma mistura de vozes (ou perspectivas) na construção resultante.

Nos relatos D&G analisados, observamos como vozes de outros sujeitos eram embutidas na opinião que o sujeito produtor do discurso emitia. Verificamos, também, que tal processo ocorria nas duas maneiras descritas neste artigo: de forma explícita, com *space builders* introduzindo-os em forma de citações diretas ou indiretas; ou sem introdutórios, na forma de citação implícita, cuja forma básica é a do discurso-indireto-livre.

Na medida que os recursos gramaticais empregados funcionam como guias para a compreensão das correspondências efetuadas entre espaços e domínios mentais, as formas diferenciadas empregadas para o embutimento de vozes na voz do sujeito servirão, também, como guias

das trajetórias diferenciadas que devem ser seguidas para que se efetue o discernimento de:

- (1) como as outras vozes são assumidas pelo sujeito discursivo;
- (2) quais os espaços mentais e domínios cognitivos que foram postos em correspondência no embutimento de outra(s) voz(es) à voz do sujeito.

Ao lidarmos com relatos de opinião-textos do gênero argumentativo que se caracterizam por focalizarem o ponto-de-vista particular do sujeito discursivo (que se configura no espaço-base) - verificamos que o processos de integração de outras vozes à voz do produtor do discurso, embora assumissem características formais semelhantes às descritas por Sanders e Redeker nos textos narrativos, configuravam-se como interrelações diferenciadas nos espaços-mentais dos quais emergiam.

Enquanto em textos narrativos o sujeito do discurso se estrutura no espaço-base e as outras vozes que expõe partem e se embutem nos espaços-em-foco que instaura, nos relatos de opinião, os espaços que embutem outras vozes põem em correlação dois espaços-base, mesmo quando instauradas em outros espaços de tempo, lugar, etc.

A incorporação de outras vozes à voz do sujeito que fala parece ser um fenômeno comum na interação lingüística cotidiana pois, quando dois ou mais sujeitos conversam, integram, assumem e contestam um a voz dos outros em tempo real. Assim, há um entrelaçamento de correlações entre domínios cognitivos, esquemas genéricos, modelos cognitivos idealizados configurando o processo de mesclagem.

Como construção lingüística, o embutimento de outras vozes sob a perspectiva do sujeito discursivo é um processo nitidamente calcado em transferências de informações em domínios mentais: informações que estão acondicionadas em diferentes modalidades de arquivamento em domínios cognitivos (domínios conceptuais, modelos cognitivos idealizados, esquemas conceptuais) são importadas para os espaços mentais.

Como as informações se inter cruzam para estruturar parcialmente os espaços mentais instaurados quando vozes são incorporados à voz do sujeito, novas conceptualizações e novos significados emergem. Assim, quando múltiplas vozes se interpenetram na voz do sujeito dos enunciados, estamos diante de um fenômeno lingüístico-cognitivo propício à análise de como se processam tais transferências. Segundo à *priori* nos parece, a mesclagem de vozes é um processo comum na interação lingüística entre os participantes que interagem nos eventos comunicativos mais comuns.

Enquanto as representações diretas e indiretas da fala e do pensamento são explicitamente sinalizadas por marcas lingüísticas (embutimento sintático, parentéticos e marcas de citação), a representação que se processa no *modo indireto-livre* é gramaticalmente não-marcada. Na moderna literatura, pode ocorrer como um contínuo fluxo de consciência, como já amplamente estudado

pelos teóricos da literatura, quer como monólogo narrativo, quer como pensamento indireto livre. O discurso indireto-livre apresenta características tanto do discurso direto, quanto do indireto: *o centro referencial parte do narrador, como no modo indireto, enquanto o discurso embebido do outro falante é representado literalmente, como no modo direto.*

Assim, não é a voz do sujeito em EB2 que está sendo realmente manifesta, mas aquilo que, na perspectiva de EB1, é visto como relevante para compor a sua própria voz e, por isso, *cognitivamente re-processado e gramaticalmente reconstruído.*

O modo indireto-livre favorece o acesso direto no espaço mental instaurado para os referentes embebidos no sub-espço, contudo é limitado pelas características de pensamento do falante que os produziu. É possível competir com o ponto-de-vista expresso no espaço-base, em B, e assim ser acessado por B a partir de interpretação de referências expressas pelo narrador.

Tal modo de discurso permite que o narrador interprete e verbalize os processos mentais dos personagens em várias de suas extensões, como, por exemplo, representar a fala de criança em um falante adulto. A conclusão a que a interpretação do discurso indireto-livre nos leva é a de que as vozes do narrador e do personagem se “mesclam”.

Ocupando uma posição de intermediação entre a citação direta e indireta, na Literatura, o discurso-indireto-livre se liga ao conceito de focalização interna do discurso mental dos personagens, fazendo par com a representação indireta livre da fala dos personagens. Já no discurso não-ficcional, a representação de pensamentos em discurso por meio de discurso-indireto-livre é bem limitada.

Embora os processos de representação de pensamentos ou falas tenham pré-condições para serem aceitos, enquanto fenômeno de perspectivização, a mesclagem de vozes parece se processar da mesma forma quer na Literatura, quer no discurso ordinário (Sanders e Redeker, 1996, p. 306)

Nas perspectivas implícitas, o narrador expressa em suas próprias palavras a interpretação do evento percebido ou emitido. Pelo uso de um verbo modal ou por referências marcadas, o narrador constrói um espaço em que a validade da informação é restrita pelas características envolvidas. Uma vez que a representação das emissões e as percepções dos personagens são altamente influenciadas pelo narrador, perspectivas implícitas, como citações indiretas, são menos subjetivas que o discurso direto e o indireto livre.

Todos os fenômenos de perspectiva são subjetivos no sentido que representam que a validade da informação (palavras ou palavras e conteúdos) é restrita a certas pessoas no texto. Os trabalhos com a teoria dos espaços mentais oferecem a possibilidade de representar como as perspectivas são embutidas umas nas outras e as diferenças entre as várias formas que o processo pode ser atualizado na construção dos enunciados.

O conceito de perspectiva que adotamos está baseado em parte no conceito literário de *focalização*, nos quais figuras com um especial tipo de *perspectivização* são apresentadas. Contudo, focalização e perspectivação são conceitos distintos quando a perspectiva é empregada em relação às representações de pensamentos e percepções das pessoas: sua típica realização lingüística é a do discurso indireto-livre.

As construções em discurso-indireto-livre encontradas na interação comum, em situações da vida diária, podem nos fornecer evidências fantásticas sobre a natureza dos processos por interrelacionarem operações cognitivas múltiplas a diferenciadas formas de integração de vozes ao discurso de um sujeito.

Tais construções são poderosos instrumentos de uso do poder da linguagem, tanto nas relações sócio-comunicativas que se efetivam nas diferentes situações em que as interações se desenvolvem, quanto nos processos de avaliação da importância dos recursos educacionais e culturais na formação geral dos indivíduos para o exercício pleno de sua cidadania.

Por engendrarem construções com significados bastante originais, os resultados das análises do processo de mesclagem de vozes na interação real podem ser reveladoras de como são criativas as interações mais comuns do cotidiano.

Por outro lado, podem servir de alerta de que “vozes” podem sempre ser utilizadas como “instrumentos” de manipulação pelos sujeitos dos enunciados pois, dependendo da finalidade com que forem empregadas, podem “instaurar realidades” que as “vozes” incorporadas sequer imaginaram.

## 5. O propósito e as hipóteses do “novo olhar”

Os estudos sobre o processo de mesclagem de vozes que desenvolvemos têm como objetivos específicos:

1. Descrever as correlações existentes entre processos cognitivos, organização sintática e construção de significados nos enunciados produzidos na interação lingüística que se efetiva: entre falantes em condições reais de comunicação, na modalidade oral da língua portuguesa quando, nos enunciados produzidos “outras vozes” se incorporam à voz do sujeito discursivo .
2. Testar a validade da formalização proposta por Fauconnier e Turner (1997) para a transferência de estruturas entre domínios cognitivos e espaços mentais nos processos de incorporação de “vozes” à “voz” do sujeito dos enunciados, enfocando, especialmente, a forma de Redeker e Sanders (1996) denominam “perspectivização implícita”, manifesta na forma de “discurso indireto livre”.

3. Fornecer evidências de que as correlações que se efetivam entre cognição e linguagem no processo de incorporação de outra(s) voz(es) à voz do sujeito é um recurso lingüístico em que se entrelaçam:
  - (1) as relações sócio-comunicativas sob as quais a interação se processa;
  - (2) o compartilhamento de experiências sócio-culturais entre os participantes da interação pois;
  - (3) a interpretação dos significados que instauram nos enunciados, depende da ativação adequada dos domínios cognitivos que se inter cruzam e das inferências pragmáticas de quais elementos são postos em correspondência entre os espaços mentais que se emparelham e quais se transferem para a construção do “novo espaço mental” que a atualização do processo faz emergir.

Em função dos objetivos expostos, são as seguintes as hipóteses em testagem no fenômeno da mesclagem de vozes:

1. O fenômeno de incorporação de “outras vozes” à voz do sujeito discursivo configura-se como um processo de mesclagem, pois o espaço-mental que os pré-organiza na mente é resultado de transferência de parte de elementos que se embutem em (ao menos) dois espaços-base que servem de *imput* para a emergência do novo espaço - a mescla de vozes - resultante do processo atualizado.
2. O fenômeno de mesclagem de vozes explica a natureza sintática “compósita” das construções em *discurso indireto livre* porque, uma vez que a organização gramatical dos enunciados em que essas construções se manifestam, são “estruturas que conjugam características das duas outras formas em que outras vozes se incorporam ao discurso (citações diretas e indiretas), mas que, em si mesmas, são estruturas distintas daquelas (novas), ou seja, com características que lhe são próprias.
3. Metáforas conceptuais – super-ordenadas e sub-ordenadas – pré-organizam o processo de incorporação de vozes à voz do sujeito discursivo e explicam o funcionamento da atualização do processo de mesclagem na interação em tempo real pois, são sub-hipóteses interrelacionadas por processos analógicos que:
  - (a) “Eventos são ações” (Turner, 1996): os sujeitos que os organizam são seus autores;
  - (b) “Autores são manipuladores” (Turner, 1996): os processos de mesclagem de vozes são reveladores das relações sócio-comunicativas que se processam nas interações lingüísticas em função as situações em que se atualizam.



## 7. Conclusões

Como projeto de estudos sobre a mesclagem de vozes sob o enfoque da teoria dos espaços mentais, apresentamos fundamentos teóricos que nos permitem descrever não como um sujeito se faz temporariamente de “outro”, mas como sujeitos reais representam a apropriação de outras vozes em seu discurso.

Constatando que tais representações correlacionam as diferentes modalidades discursivas com que as vozes são incorporadas ao discurso de um sujeito aos distintos significados, expressando variáveis graus de liberdade ou de comprometimento do sujeito com a voz que integra à sua própria voz.

Tendo como proposta explicar o misterioso processo que faz com que, mesmo com vozes mescladas, as identidades dos sujeitos que se inter cruzam sejam mantidas distintas, importa mostrar que há um “senhorio do sujeito” sobre as vozes que incorpora à construção de sua argumentação, lançando um “novo olhar” sobre o fenômeno da manifestação de múltiplas perspectivas num discurso.

Embora na aparência da polifonia, o processo de mesclagem encerra escolhas de um sujeito que se institui e constitui como monológico, mesclando à sua voz as vozes que servem de instrumentos para a construção dos significados que pretende instaurar.

## 8. Referências Bibliográficas

- ACHARD, Michel. French modals and control speakers. In: GOLDBERG, Adele. *Conceptual structure, discourse and language*. Califórnia, CSLI Publications, 1996, p. 1-16.
- CHIAVEGATTO, Valeria. Um texto: uma rede de espaços mentais. In: Andre Valente (Org) *Língua, Lingüística e Literatura: uma integração para o ensino*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.
- \_\_\_\_\_, FERRARI, Lilian. A motivação conceptual da gramática. *Matraga 8* (1º semestre). p. 63-78.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, Gilles & SWEETSER, Eve. Cognitive links and domains: aspects of mental space theory. In: FAUCONNIER. & SWEETSER: *Spaces words and grammar*. Chicago: Chicago Press, 1996. p. 1 – 28.
- \_\_\_\_\_. *Spaces worlds and grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.
- FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. Blending as a central process of grammar. In: GOLDBERG, Adele. *Conceptual structure discours and language*. Califórnia: CSLI Publications Stanford, 1996. 113-29.

- \_\_\_\_\_. *Mappings in Thought and language*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997.
- GOLDBERG, Adele. *Conceptual structure discours and language*. Califórnia, CSLI Publications Stanford, 1996.
- LAKOFF George. The contemporary theory os metaphor. In: ORTONY, Andrew *Metaphor and thought*. 2ed. Cambridge, Cambridge Universty Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Women, Fire and Dangerous Things: What categories reveal about the mind*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- ONO, Tsuyushi & THOMPSON, Sandra. *The dinamic nature of conceptual structure building: evidence from conversation*. In: GOLDBERG.
- ORTONY, Andrew. *Metaphor and thought*. 2ed. Cambridge, Cambridge Universty Press, 1993.
- POLINSKY, Mary. Situation perspective: on the relations of thematic role, discourse categories e grammatical relations to figure and ground. In: GOLDBERG, A. *Conceptual structure discours and language*. California: CSLI Publications Stanford, 1996. p. 401-20.
- ROBINS, R. H. *Lingüística geral*. Porto Alegre: Globo, 1981.
- SALOMÃO, Margarida. A perspectiva sócio-cognitiva para análise da linguagem. *Veredas*. Juiz de Fora, v.1, n. 1, p. , jul./dez.1997.
- SANDERS, José & REDEKER, Gisela. Perspective and the representation of speech in narrative discourse. In: FAUCONNIER & SWEETSER. *Spaces words and grammar*. Chicago: Chicago Press, 1996. p. 290-317.
- SCHEGLOFF, Emanuel, OCHOS, Elinor, THOMPSON, Sandra. Introduction. In: *Interaction and grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 1-51.
- \_\_\_\_\_. *Interaction and grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- SVOROU, Soteria. *The grammar of space*. Amsterdam: John Benjamins, 1993.
- SWEETSER, Ewe. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge Universty Press, 1991.
- TURNER, Mark. *The literary mind*. Oxford: Oxford University Press, 1996.